Ano IX — Lisboa, Março de 1953 — N.º 95

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O CINEMA,

espada de dois gumes



O recente decreto-lei que regula a assistência de menores a espectáculos, provocou, como é natural, grande excitação no público, tendo-se formado já duas correntes de opinião: os que aceitam de bom grado a publicação do decreto e os que a condenam com veemência. Entre estes últimos, devemos salientar, contam-se os interessados nas empresas exploradoras de espectáculos, porque vêem os seus réditos diminuídos, os pais, porque, a preços relativamente módicos, não têm outras diversões a oferecer aos filhos, e ainda aqueles que, por temperamento e por força de hábito, encontram-se sempre em discordância com tudo o que se estabelece, seja ou não guiado pelos mais elevados objectivos ou pelas razões mais fortes. Uma terceira facção poderia ser ainda constituída por aqueles que, aceitando em princípio o condicionamento da presença dos menores nos espectáculos, defendem, contudo, uma regulamentação mais moderada.

Estas atitudes definem com exactidão o interesse do público por este assunto e só é pena que a Imprensa não tenha dedicado mais algumas das suas colunas ao estudo do problema para a devida elucidação do público. É que muitas pessoas que se manifestam contrárias a estas inibições, desconhecem quanto pode ser nefasta, às crianças, a influência do cinema (e particularizamos a questão desta forma, por ser o cinema o espectáculo mais popularizado), não só sobre a sua formação moral, como também sobre esse dom precioso que é a saúde.

Observações feitas por cientistas especializados, têm provado os distúrbios irreparáveis que, filmes de acção violenta, causam na organização psíquica das camadas infantis. Por vezes esquecemo-nos de que uma criança não tem nem pode ter as mesmas reacções que um adulto perante determinado acontecimento. O mundo emocional de um desses seres de tenra idade é necessàriamente diverso do nosso. Eles carecem de experiência e de raciocínio para, em face de certo acontecimento que toca violentamente a sua sensibilidade, saberem fazer a destrinça entre o que é real e aquilo que não passa de ficção. Este facto provoca-lhes um tremendo choque emocional de nocivas consequências para o carácter da criança, debilitando-lhe a vontade e predispondo-a para uma resistência às normas da boa conduta e tornando-a, por este motivo, rebelde e indisciplinada. Esta acção perniciosa vai-se exercendo quase imperceptìvelmente e, portanto, escapa à observação menos atenta, causa, evidentemente, da pouca importância que se lhe dá.

São claros e elucidativos, ainda que ao leigo pareçam exagerados, os resultados obtidos em exames ou inquéritos feitos em institutos e noutros estabelecimentos de reabilitação de crianças. Por eles tem-se conhecimento de que grande percentagem dos delinquentes infantis foram induzidos pelo cinema à prática de actos condenáveis, ao apresentar-lhes cenas em que o homicídio e o roubo são os temas principais. Nalgumas grandes cidades, debaixo de sugestões desta jaez, têm sido notados e detidos bandos de rapazitos, organizados à maneira dos *gangsters* americanos, que se entregam às mais diversas aventuras, assaltando e roubando e até fazendo descarrilar comboios (!). Entre as raparigas, é ainda

(Conclui na 2.ª página)

DIA UNIVERSAL DO PENSAMENTO

Serviço Religioso de Acção de Graças

Conforme foi anunciado efectuou se no dia 22 de Fevereiro, no templo da Igreja Presbiteriana da Ajuda, um serviço religioso comemorando o 96.º aniversário de B. P. e integrado nas comemorações do Dia do Pensamento. Estiveram presentes os Chefes e Escoteiros dos grupos n.ºs 10, 12, 53 e 94, bem como representantes dos grupos em organização nas Igrejas Presbiterianas da rua Febo Moniz e rua de S. Bento, respectivamente, de escoteiros e escoteiras. O Grupo n.º 79 fez-se representar por dois escoteiros. Estiveram também presentes os antigos escoteiros Eduardo Rolão, José Rana, Saul dos Santos Veloso, António Afonso e sua Esposa D. Maria Elisama Moreira Afonso, antiga guia, recentemente chegados de África; o escoteiro-chefe suíço Sílvio Spahr, outros cujos nomes não pudemos reter, bem como muitos amigos do escotismo.

O culto foi dirigido pelos antigos escoteiros pastores Rev. G. Azevedo Meyer e Rev. Eduardo Moreira, que proferiu o sermão. Esteve ao órgão o antigo escoteiro Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo. O chefe Samuel Vieira leu um trecho do Evangelho e o Rev. Azevedo Meyer fez oração pela obra educativa do Escotismo, pelos seus Chefes e Dirigentes e, particularmente, pela obra do escotismo nas igrejas evangélicas.

O Rev. Eduardo Moreira dissertando sobre o tema "Sábio de coração" colhido no capítulo 35 do livro de Êxodo da Escritura Sagrada, em termos muito acessíveis à mentalidade da juventude, fez várias considerações sobre o carácter de Baden-Powell, cuja formação foi feita num bom ambiente e afirmou: "Nós temos de formar um bom ambiente e é para isso que existe o Escotismo". Lembrou a mãe de B.-P., a mulher cristã que tanto contribuiu para o bom ambiente em que B.-P. se formou, dizendo que "sempre na vida dos homens que têm realizado grandes obras, há a presença de mulheres que os ajudem a realizar essas grandes obras. A Igreja cria ambiente para o Escotismo e o Escotismo deve ajudar a criar o ambiente da Igreja". Referiu-se ainda ao carácter compreensivo do Fundador do Escotismo, e à sua capacidade de realização. Apreciando esta faceta tão interessante da personalidade de B.-P., o Rev. Moreira exortou os escoteiros à acção dizendo que "as mãos precisam de ser utilizadas em comunhão com Deus. A religião tem de ser realizadora". Assim como o servo de Deus Bezaleel, citado na passagem da escritura, a quem Deus tinha enchido de sabedoria de coração, ensinava os outros guiado por Deus, assim os escoteiros devem ensinar uns aos outros.

O culto terminou com o hino «Guerra

(Conclui na 2.ª página)

O Cinema, espada de dois gumes

(Conclusão da 1.ª página)

o mau cinema a causa da degenerescência feminina nas suas várias formas.

Estas afirmações, que poderiam ser amplamente ilustradas por factos, são ainda mais de lamentar quando é certo que o cinema, dado o poder sugestionador que possui e a grande atracção que exerce nas crianças, é um poderoso meio pedagógico e educacional. Infelizmente, em virtude das fitas culturais não serem, comercialmente, as mais vantajosas, não gozam da preferência dos produtores. Mesmo assim, em muitas escolas e universidades, o cinema cultural está tomando um lugar preponderante no ensino, em vista dos excelentes resultados obtidos por esse processo. Mas, até no campo da pura distração, as películas de entrecho são podem ter uma acção salutar entre os espectadores, promovendo o culto dos bons costumes e dos ideais de paz, de felicidade e de respeito mútuo.

Mas, perguntar-se-á: é, de facto, o cinema um agente tão poderoso que exerça essa profunda influência nas massas? A resposta não poderá deixar de ser afirmativa, primeiro, pelos resultados colhidos dos exames e observações efectuados; segundo, em virtude de a maior parte das sensações do homem ser recebida por intermédio da visão, sensações essas que também são as que a memória retém mais fàcilmente. Os outros sentidos têm uma aptidão receptiva muito menor.

Com uma tal disparidade nos resultados a que o cinema pode conduzir, compreende-se perfeitamente as razões que levaram o legistador a pôr em prática medidas que condicionem a entrada nas salas de espectáculos. Essas medidas, cujo papel saneador é, deste modo, irrecusável, têm sido alvo, como acima dizemos, de reparos e críticas desfavoráveis, muitas delas baseadas no facto de a mecânica da regulamentação carecer de maleabilidade. É claro que é difícil a determinado ponto de vista conseguir a unanimidade de aplausos. Porém, quanto a nós, seja-nos permitida uma opinião, o sistema adoptado tem, na sua aplicação, maiores possibilidades de eficiência do que muitos dos que foram preconizados, como o de deixar ao alvedrio dos pais a escolha dos programas, já que muitíssimos não possuem, infelizmente, a formação consentânea com tal responsabilidade. Além disso, como se promete em nota oficiosa posterior, é de esperar que do estudo das reclamações e sugestões formuladas, advenham alterações que beneficiem as normas emitidas, isto sem quebra das suas finalidades moralizadoras. Se as inibições, como se queixam os empresários, provocaram um abaixamento na frequência às salas de espectáculos, prova-se sòmente quanto era indispensável a sua existência. É que, em especial nos chamados cinemas de bairro, entre a assistência contava-se sempre um grande número de crianças, muitas delas valendo-se de mil e uma artimanhas para obterem os escudos necessários para o bilhete. Em certo cinema da capital, a afluência de crianças era tão avultada que a fiscalização da entrada para os lugares mais baratos era feita por meio da marca de um carimbo fixada na mão das crianças pelo empregado da bilheteira. Quantos distúrbios não provocaram, nessa multidão de pequenos espectadores, as películas escolhidas só com o intuito de uma exploração mais compensadora? Quantas figuras de criminosos celebrizados, quantas cenas de roubo, adultério e depravação passaram ante esses olhitos inocentes e curiosos? Quantos quadros brutais fizeram estremecer esses entes tão frágeis? Poderão os interesses materiais sobrepor-se a tal descalabro?

Diz o jornalista Marcos Victoria num artigo publicado no jornal argentino «La Nación»: «O cinema possui-nos, agarra-nos, devora-nos, introduz-nos sem piedade no seu poderoso realismo. Porém, não o faz — sublinhamo-lo — por meio dos mecanismos da convicção lógica, do raciocínio, ou por influências intelectuais. Chega e arrebata-nos, em primeiro lugar, pelos outros mecanismos aos quais nenhuma inteligência pode resistir: os omnipotentes tentáculos da afectividade, da emotividade, da ressonância instintiva. Por isso, o cinema convence, sugestiona, *hipnotiza*». O cinema é uma verdadeira espada de dois gumes: fonte de cultura; fonte de corrupção. O dever daqueles que têm sobre si a responsabilidade de conduzir e educar os mais novos é determinar os meios de os furtar à nefasta influência desse poder que subjuga.

JOEL RIBEIRO

Este número foi visado pela Comissão de Censura

DIA UNIVERSAL DO PENSAMENTO

(Conclusão da 1.ª página)

contra o Mal» e bênção pelo Rev. Eduardo Moreira.

O Almoço de Confraternização de Antigos Escoteiros

Os antigos escoteiros reuniram-se neste mesmo dia num almoço de confraternização que se efectuou no Ateneu Comercial de Lisboa e foi servido com o agrado de todos.

Estiveram presentes cerca de 70 elementos e foram recebidas muitas mensagens de outros que não puderam comparecer.

O almoço foi presidido pelo Sr. Dr. Alfredo Tovar de Lemos, presidente da direcção da Fraternal, ladeado pela Sr.ª D. Maria Luísa Magalhães, antiga dirigente de guias; pelos Srs. Eng. Jorge Pereira Jardim, Rev. Eduardo Moreira, vice-presidente da presidência da Fraternal; e David da Fonseca, da Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa.

Pela primeira vez nestes almoços, foi feita a chamada dos presentes, acto interessante porque permitiu recordar nomes e reconhecer antigos camaradas que os anos tinham mudado de aspecto, já que muitos se não viam desde os tempos da mocidade.

Aos brindes usaram da palavra os Srs. Dr. Tovar de Lemos, que faz o elogio do Fundador do Escotismo e se referiu à Fraternal dos Antigos Escoteiros; Rev. Eduardo Moreira, Eng. Jorge Pereira Jardim e Aníbal Ramos.

Esta reunião, que decorreu num ambiente de alegria e camaradagem, terminou com antigas canções escoteiras entoadas em coro por todos os presentes.

28.º Aniversário do Grupo n.º 6 — Olhão

No dia 17 de Janeiro, passou o 28.º aniversário deste Grupo. Para sua comemoração, realizou-se, na sede, um chá de confraternização servido pela D. A. F. a todo o Grupo, incluindo «fadas», «lobitos» e alguns membros da Direcção.

Antes, porém, foram lidos os relatórios anuais das patrulhas e o mapa das actividades globais do Grupo durante 1952 e, pelo Chefe, foram feitas apreciações ao trabalho de cada uma das patrulhas.

Depois disto, foram entregues estrelas de serviço a vários escoteiros e estrelas de classe a lobitos, prémios dos concursos privativos das patrulhas, e dos galhardetes dos concursos «Assiduidade» e «Honra e Mérito» (4.º trimestre de 1952), respectivamente às patrulhas «Andorinha» e «Galo».

Foi também entregue o prémio «Reinaldo Santos» ao escoteiro José Floriano dos Santos, por não ter dado qualquer espécie de faltas e por ter sido dedicado durante o segundo semestre de 1952, e prestaram a Promessa os Lobitos Manuel Jorge Firmino e Edmundo dos Santos Messias Júnior.

Esta interessante festa de camaradagem terminou no meio do maior entusiasmo, após o Grupo ter entoado várias canções escotistas.

Em data a marcar, efectuar-se-á a comemoração pública deste aniversário, como em anos anteriores.

O «SEMPRE PRONTO»

vende-se na Tabacaria Boa-Hora

Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

PELOS GRUPOS

GRUPO N.º 6

Comemoração do 1.º de Dezembro

Com o habitual brilho, este Grupo comemorou o Dia da Restauração, tendo efectuado na sua sede uma sessão solene presidida pelo Chefe João Trigueiros, ladeado pelo Chefe Francisco Militão dos Santos, ex-dirigente deste Grupo; pelos Srs. Reinaldo dos Santos e Alfredo Delgado, da Direcção do Grupo; e pelo actual Chefe Sr. Francisco do Nascimento Pina, que fez uma alocução sobre a data histórica. Houve distribuição de prémios e insígnias, promessa dos novos lobitos João Alberto Evaristo e Hermógenes de Freitas, e ainda canções e poesias.

O Grupo n.º 6 aproveitou este ensejo para descerrar a fotografia do ex-chefe Sr. Militão dos Santos, tendo feito o seu elogio e apreciado a sua acção como chefe do 6 o antigo chefe regional João Trigueiros. — C.

Festa de propaganda escotista

No dia 7 de Dezembro organizou este Grupo um acampamento de propaganda, no seu campo de jogos, que esteve integrado na comemoração do 1.º de Dezembro mas, que não pôde ser realizado nessa altura em virtude do mau tempo.

As cinco patrulhas do Grupo, assim como os quatro bandos de Lobitos e o Departamento da D. A. F., montaram e ornamentaram os seus subcampos o melhor que lhes foi possível, pois estavam sujeitos a classificação. Foram montadas 12 tendas.

Às 9 horas, foi içada a Bandeira Nacional e após subiram as bandeiras do Grupo n.º 6 e a dos "Scouteiros de Olhão", organização escotista fundada nesta vila, em 1915, pelo Chefe Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior, mas que teve curta duração. O Grupo 6 conserva aquela bandeira como relíquia e iça-a em grandes dias festivos.

Às 10,30 horas, o Grupo quase completo e a Divisão Auxiliar Feminina, num total de 4 fadas, 8 guias, 29 lobitos e 38 escoteiros e dirigentes, desfilou pelas principais ruas da vila.

À tarde, perante farta e entusiasmada assistência, realizou-se uma exibição de jogos educativos, por lobitos e escoteiros alternadamente.

A patrulha que melhor subcampo apresentou foi a Águia, seguida da Leão, Galo, Tigre e Andorinha. Os próprios guias formaram o júri que apreciou os subcampos. — C.

O Grupo n.º 13

Uma unidade de boas tradições — voltou à actividade e começa bem, com uma alcateia de Lobitos

Tempos de crise atravessou o grupo 13... Os móveis, as paredes, os bancos, cobriram-se de pó... Todos o abandonaram, esquecendo esta sala tantas vezes suja mas tão grata ao coração.

Com sede na Sociedade de Geografia, o 13 é um grupo de tradições. Eu orgulho-me de pertencer a ele... mesmo quando os rapazes deixaram de aparecer, ele continuou a viver no coração, provando aos poucos que ficaram (três ou quatro) que não sabe morrer.

Custa muito ver uma coisa, hoje cheia de vida, tombar amanhã no esquecimento. Isso sucedeu ao nosso Grupo. Debateu-se uma agonia lenta, triste, quase sòzinho, sem amparo de ninguém. Nós, os que ficámos, chegámos a visionar o nosso destino: largar o lenço azul, e ingressar noutros Grupos, que embora amigos, nunca nos seriam tao gratos ao coração.

Ao escrever estas linhas para o «Sempre Pronto», eu tenho em mente fazer com que todos conheçam a história da nossa ressurreição. Mas não sou só eu, é o 13, são os móveis, as paredes, os bancos os que o querem, pois já têm novamente amigos.

E bons amigos! Puros e leais como só podem ser corações de criança. Criou-se um grupo de lobitos na nossa sede. O Ramos fá-los brincar e dar cambalhotas como ninguém. E alguns rapazes, que tinham fugido para bem longe, tornam a visitar-nos a medo, hesitantes, como de visita a um amigo que abandonaram quando mais precisava deles.

Será agora, em corações bem pequeninos ainda, que se começará a formar a nova era do 13. Em vez de vozes de maus escoteiros que conhecem a ingratidão, haverão canções juvenis a tocar o céu.

Talvez eu não tenha dito tudo... mas nada mais sei dizer... Apenas gostaria que todos soubessem que o 13 vive de novo, e que a nossa bandeira, ainda que velhinha, é o símbolo de qualquer coisa que não compreendemos, mas brilha no nosso coração.

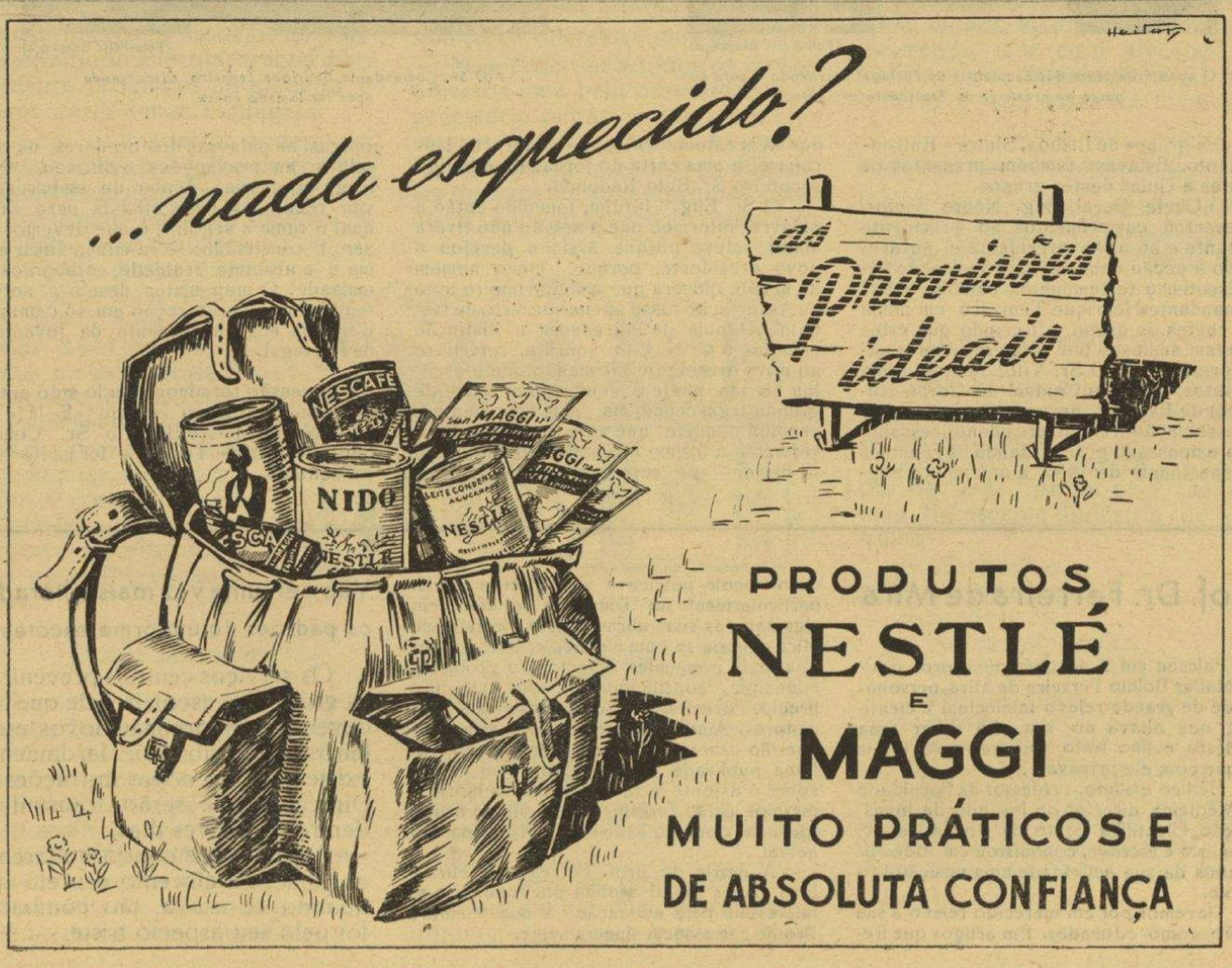
JORGE ADOLFO CIERCO

• • o • •

DOS AÇORES

Grupo n.º 45 — Horta

Recebemos o relatório e contas, referentes ao ano de 1952, deste Grupo de Escoteiros, verificando-se por esse documento, que esta unidade recentemente organizada tem já uma actividade interessante e próspera, com um efectivo de 23 elementos. Agradecemos o relatório e desejamos ao Grupo 45 novos êxitos em 1953 e a resolução das suas dificuldades.



A minha única norma é a absoluta lealdade, colaboração e amizade

— afirmou o Sr. Comandante Henrique Tenreiro no acto de posse do cargo de Presidente dos Escoteiros de Portugal

Conforme anunciámos, realizou-se no dia 19 de Fevereiro a cerimónia da posse do cargo de presidente dos Escoteiros de Portugal pelo Sr. Comandante Henrique dos Santos Tenreiro. O acto foi extraordinàriamente concorrido, tendo presidido o Sr. Eng. Jorge Pereira Jardim, presidente cessante, ladeado pelo novo presidente, e pelos Srs. Dr. Alfredo Tovar de Lemos, presidente da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros; Dr. Francisco Cortez Pinto, presidente do Tribunal de Honra; e Dr. Manuel Alambre dos Santos, representando a Mocidade Portuguesa. Em volta da sala encontravam-se as bandeiras nacional e da associação rodeadas pelas bandeiras dos grupos de Lisboa, Sintra e Entroncamento. Estavam também presentes os Chefes e Guias destes grupos.

O Chefe Geral, Eng.º Nobre Santos, apresentou cumprimentos ao presidente cessante e ao novo presidente e, encarecendo a acção daquele, cuja dedicação pelo Escotismo testemunhou, saudou o Sr. Comandante Henrique Tenreiro em nome dos chefes de grupo, afirmando que estes estavam ansiosos por cooperar com o novo presidente. O Sr. Vítor Manuel Lima e Santos, da Junta Central do Corpo Nacional de Escutas, apresentou saudações da associação irmã ao presidente cessante e ao empossado e, recordando as reuniões internacionais de 1950, a que ambos estiveram ligados, entregou-lhes como homenagem da sua associação as medalhas de Bons serviços, cruz de prata e de cobre, respectivamente, afirmando que o novo presidente poderia contar com a colaboração leal e desinteressada do C. N. E. e que, as duas organizações juntas e baseadas nas tradições da terra portuguesa, muitos benefícios poderiam trazer à juventude de Portugal.

Discursaram ainda os Srs. Dr. Alfredo Tovar de Lemos, Dr. Francisco Cortez Pinto, Franklim de Oliveira, Joaquim Amâncio Salgueiro Jr., Manuel Dias de Almeida, e foram lidos telegramas dos Srs. Eng.º Cancela de Abreu e Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo, e uma carta do jornalista e antigo escoteiro Sr. Belo Redondo.

O Sr. Eng.º Jardim, tomando então a palavra, informou que a sessão não tivera maior relevo porque assim o desejou o novo presidente, porque, como homem de acção, quisera que o seu primeiro acto na Associação fosse apenas um acto de trabalho. Depois de agradecer a distinção com que o C. N. E. o honrara, referiu-se ao novo presidente afirmando que a escolha de um chefe é sempre um acto de grande transcendência, pois representa a escolha daquele que será o primeiro no serviço e o último no benefício. «Por isso — disse — vou entregar-lhe a A. E. P. e associou-me aos que lhe apontaram as dificuldades com que terá de lutar. Entrego-lhe um grupo de rapazes prontos a servir e ansiosos por o terem como chefe». Terminou agradecendo ao Sr. Comandante Tenreiro a honra que lhe dava e a quantos presidentes o precederam em querer continuar a «dinastia».

Tendo-se procedido à leitura e assinatura do auto de posse, o Sr. Comandante Tenreiro ocupou a presidência e começou por dizer que era com sacrifício que vinha ocupar aquele cargo, voltando ao Escotismo de que andava afastado há muito tempo. Agradeceu a eleição, a presença dos Chefes Escoteiros e das pessoas amigas, as palavras dos oradores, os conselhos, as prevenções e afirmou: «Não trago programa. Acabo de embarcar e vou reunir os meus oficiais para saber qual o rumo a seguir e o que devemos fazer. E concluindo: — «a minha única norma é a absoluta lealdade, colaboração e amizade. O meu maior desejo é servir, tendo sempre no coração um só caminho: o fito do engrandecimento da juventude de Portugal».

A sessão terminou tendo sido entoados com entusiasmo o hino «É lá!» e o Hino Nacional. No final, o Sr. Comandante Henrique Tenreiro foi muito cumprimentado.



(Foto-Félix Bragança)

O novo Presidente dos Escoteiros de Portugal assinando o auto de posse na presença do Presidente cessante.



(Foto-Félix Bragança)

O Sr. Comandante Henrique Tenreiro, discursando após ter tomado posse

Prof. Dr. Ferreira de Mira

Faleceu em 7 do corrente o prof. doutor Matias Boleto Ferreira de Mira, personalidade de grande relevo intelectual e científico, que aliava ao seu alto saber uma modéstia e fino trato que cativava todos os que com ele privavam.

Médico distinto, professor da Faculdade de Medicina, director do Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, jornalista e escritor, conquistou em todos os campos da sua actividade uma posição brilhante.

Devemos pôr em merecido relevo a sua acção como educador. Em artigos que frequentemente publicava na imprensa diária, particularmente no "Diário de Notícias", em algumas das suas obras, o prof. Ferreira de Mira ocupou-se com elevado critério e saber dos mais prementes aspectos do problema educativo, constituíndo os seus trabalhos preciosa orientação para muitos pais e educadores. Ainda recentemente, e acerca da questão da frequência de menores ao cinema, tinha publicado naquele diário um artigo sobre o assunto e já depois da sua morte o mesmo jornal inseriu o seu último artigo focando com notável visão problema tão actual.

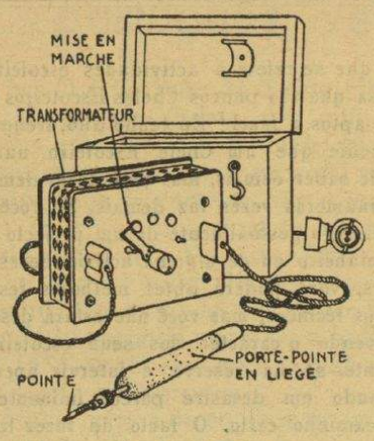
A morte do prof. Ferreira de Mira é uma perda muito sentida por todos que se interessam pela educação, a que "Sempre Pronto" se associa sinceramente.

Vão ser, uma vez mais, alterados os padrões do uniforme escoteiro?

Os serviços centrais preveniram os grupos de escoteiros de que não deveriam uniformizar novos escoteiros nem substituir fardamentos existentes sem novas instruções da Direcção, que serão transmitidas dentro de breves dias.

Segundo nos consta voltaremos ao uniforme cinzento e preto que, quando se usava, tão combativo foi pelo seu aspecto triste.

A Pirogravura



A patrulha Lobo cansa-se constantemente a forrar de papel de lustro branco as paredes do seu canto e a recortar os seus frisos no papel azul de livraria, procurando um meio de decorar duma maneira durável o seu canto. É assim que uma tarde, Luís, o aspirante, põe na mesa da oficina do grupo um misterioso aparelhozito e em menos de duas horas a patrulha foi iniciada nos segredos da *pirogravura*.

O aparelho de pirogravar mais moderno funciona a electricidade. É constituído por um pequeno transformador, de um cabo e de uma ponta aquecida ao rubro por meio de uma minúscula resistência. Existem diferentes modelos de pontas permitindo executar traços mais ou menos profundos na madeira, e mesmo verdadeiras esculturas.

Todas as madeiras podem ser pirogravadas, uma folha de contraplacado é suficiente em muitos casos para executar um bom quadro. A condição essencial para um trabalho limpo é ter uma folha bem lisa e bem polida. Para os trabalhos destinados a venda ou a exposição, tomar-se-á de preferência espécies de madeiras macias, brancas, fáceis de trabalhar. O ulmeiro, a tília, o castanheiro e o amieiro são os mais geralmente empregados e com os melhores resultados.

Como proceder

É preciso primeiro desenhar o assunto. É difícil desenhar correctamente na madeira. O melhor é fazer primeiro o desenho no papel e reproduzi-lo em seguida na tábua a pirogravar.

Um bom conselho: São os desenhos mais simples que dão os melhores resultados, não sobrecarregar inùtilmente os vossos assuntos.

O aparelho de pirogravar está munido de três polos que dão intensidades diferentes segundo a dureza da madeira e sobretudo a profundidade a vazar. É essencial para um principiante exercitar-se num pedaço de madeira da espécie que vai trabalhar. Com efeito, quando se não toma cuidado e não se sabe ainda servir bem da ponta, tem-se a tendência para carregar demasiado; a madeira queima-se e as linhas que se pretendiam ficam muito grossas.

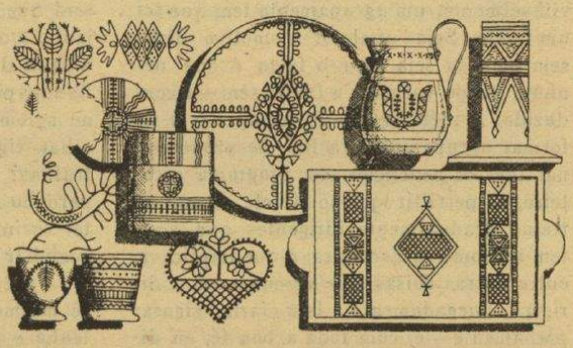
Há um único jeito a dar, um só. Consiste em não pousar a ponta na madeira apoiando-se nela, mas dar-lhe um movimento antes mesmo de atacar. *A ponta deve sempre tocar a madeira em marcha e nunca se deter na madeira.*

Uma vez o golpe de pulso encontrado, sabeis tanto sobre a pirogravura como o melhor artista, e as curvas ou outras dificuldades não são mais do que uma brincadeira a realizar.

Este trabalho, que não é mais do que um simples traço queimado, é suficiente em muitos casos para ornamentar varas, cabos, cabides, quadros, contornos das pinturas e painéis da patrulha.

Podem também obter-se sombras, tracejando ou marcando com pontos os diferentes motivos.

Mas, para dar a todos os vossos objectos uma bela apresentação, é necessário pintar os diferentes elementos. É muito simples. As ranhuras queimadas impedem os diferentes motivos de se misturarem. Estas cores encontram-se no comércio



em quantidade ilimitada, sob a forma de tinta ou anilinas especiais para este trabalho. Outras anilinas imitam perfeitamente os tons das madeiras raras como o palissandro, o mogno, o ébano.

Ter-se-á também cuidado, antes de pôr as cores, de passar a lixa de esmeril muito fina todo o motivo a pintar.

Uma vez as cores estendidas com um pincel fino, deixar secar durante 24 horas e passar com verniz ou cera. Os quadros envernizados primeiro ao pincel, depois à boneca dão uma magnífica imitação de laca.

O que se pode fazer

Tudo o que seja de madeira, osso, couro, cartão grosso pode ser pirogravado.

Além das decorações do canto ou da sede, poder-se-á realizar uma florescente indústria de patrulha:

— tabaqueiras,
— pratos de pão,
— candeeiros,
— cofres para luvas,
— caixas de toucador,
— guardas-jóias,
— vasos,
— cerra-livros, etc., etc.,

que serão comprados em bruto ou fabricados na própria oficina da patrulha e que podereis decorar segundo a vossa inspiração. Uma coisa ainda, é preciso muito gosto e espírito inventivo.

«Scout» — (França)

ISABEL KENNY

Uma vida dedicada a Bem-Servir

O mundo assistiu, no passado mês de Dezembro, ao desaparecimento de uma mulher que dedicou toda a sua vida a minorar o sofrimento daqueles que são atingidos pelas enfermidades.

Tendo nascido na Austrália, filha de colonos escoceses, cedo começou a sentir uma extraordinária vocação pela enfermagem, carreira que depois veio a abraçar.

A Irmã Kenny (1), no desempenho da sua missão, viu-se em certa altura a braços com 4 casos de paralisia infantil no seu campo de trabalho, isto é, numa zona do interior da Austrália, sem qualquer recurso que não fosse o conselho do cirurgião Dr. Mc. Donnell, que se encontrava, porém, a muitos quilómetros de distância. Como não havia tratamento especial, foi obrigada a usar o seu tacto natural para estudar certos fenómenos da doença, aplicando, depois, o tratamento que, à luz dos seus conhecimentos, lhe parecia mais conveniente. E os resultados foram surpreendentes: tanto essas quatro crianças como ainda outras duas que, posteriormente, foram atacadas pela terrível doença, foram completamente curadas sem terem ficado com qualquer deformação!

O mundo médico recebeu com descrença, mas com alvoroço, a notícia desse acontecimento, mas o certo é que, passados tempos, a

(Conclui na 8.ª página)

SISTEMA DE PATRULHAS

Durante muitos anos, e em inúmeros lugares, tenho ouvido críticas acerca de quase todos os aspectos do Escotismo, às vezes estúpidas, às vezes inteligentes. Algumas dessas críticas nasceram da inveja, outras do sincero desejo de auxiliar o movimento. O nossso movimento jamais se furtou às críticas, e eu penso que através dos anos aprendemos muitas coisas por meio das críticas que nos foram feitas. Todavia, pensando retrospectivamente, não me recordo de jamais ter ouvido uma crítica ao Sistema de Patrulhas, quer por parte de homens que são autoridades no campo da Educação, quer por parte do homem da rua que, com o seu modo franco e sem rodeios, tem um conhecimento muito sagaz daquilo que vale e daquilo que não vale a pena. Aqui, neste Sistema de Patrulhas — se pelo menos pudéssemos compreendê-lo! — está a contribuição realmente sem igual que B. P. deu ao mundo da juventude.

O propósito desta série de artigos é, confessamo-lo, repisar terreno velho e já familiar, mas eu sei que estes artigos são necessários, assim como o editor sabe, porque há sobeja evidência que muitos dos nossos passaram a tomar o Sistema de Patrulhas como uma coisa natural, e não conseguiram compreendê lo claramente na sua essência, pô lo em prática na sua mais ampla extensão, e, acima de tudo, confiar nele.

Eu quero começar lembrando que o Sistema de Patrulhas não foi intentado como um modo fácil de conduzir uma Tropa Escoteira. Sem dúvida, ele não é fácil—o caminho fácil é o método das massas. Qualquer adulto, a menos que tenha muito pouco valor, é capaz de dobrar 20 ou 30 rapazes ante sua vontade, impondo-lhes uma disciplina férrea e jamais afrouxando as rédeas, mas isto não é dirigir, é simplesmente força. A verdadeira chefia no Escotismo, assim como em qualquer outro lugar, baseia-se na confiança: confiança no método e confiança no rapaz.

Outra coisa que estamos em perigo de esquecer é que o guia não é, nunca foi e jamais será um paralelo a um sargento; um sargento é escolhido para um serviço definido, mas restrito, porque conhece o serviço. O guia de uma patrulha é escolhido porque, aprendendo o serviço, ELE vai-SE beneficiar. Como tenho dito frequentemente a muitos de vós em cursos, conferências e através de «The Scouter», este nosso movimento está empenhado no desenvolvimento do carácter. Este desenvolvimento é completado, não apenas incutindo coisas no rapaz, mas, mais seguramente, desenvolvendo nele coisas já existentes.

A nossa pátria em particular produziu, através de gerações, chefes de alta qualidade e em apreciável quantidade. Não estou pensando apenas nos marechais de campo, ministros de gabinete, e outros grandes homens em outras esferas de actividade, mas mais particularmente no que eu chamo de pequenos dirigentes, os homens e mulheres que estão aptos a dirigir a sua comunidade, a sua casa comercial, fábrica, escola ou igreja, e de facto, onde quer que eles se encontrem, sempre estão dispostos a comandar, e nunca se contentam em obedecer apenas. Hoje, por todos os lados pedem-se mais dirigentes. Aqui, pelo Sistema de Patrulhas, temos o melhor método de produzir chefes que o homem já engendrou, mas, deixem-me repetir: não é fácil! Da aplicação fiel do Sistema de Patrulhas surgem mais dores de cabeça para o Chefe do que podem resultar talvez de qualquer outra coisa, porque inevitàvelmente, enquanto o rapaz está aprendendo a dirigir, ele irá cometer alguns erros. Alguns desses erros serão de pouca monta, mas outros puderão ter alguma importância. O Chefe, ainda que não procurando encobrir os erros, deve, entretanto, compreender que uma das suas funções é desculpar os aborrecimentos e as dificuldades em que os escoteiros se meteram. Na realidade, a capacidade de desculpar é uma das grandes qualidades do bom Chefe Escoteiro. O Sistema de Patrulhas teve as suas raízes na mente de B. P. bem antes do Escotismo ter surgido como um todo. B. P. era tão profundamente humano e natural, que tinha fé numa técnica natural em relação à vida, e não numa técnica artificial. O Sistema de Patrulhas é uma coisa muito natural. Basta vocês irem à rua para verem que os rapazes se reúnem em grupos, e em grupos relativamente pequenos. Vocês não encontrarão rapazes juntando-se em agrupamentos de 30 ou 40, mas em grupos de 6 ou 8. B. - P., tendo fé nas coisas naturais e sendo observador, viu que esta era uma base forte, sobre a qual se podia construir. Viu, além disto, que, inevitàvelmente, um agrupamento tem que ter um chefe. Seja qual for o motivo disto, seja bom ou seja mau, o facto é que nenhum grupo vai para a frente sem ser conduzido. A idéia de B. - P. foi apenas a de formar agrupamento, a fim de proporcionar-lhes os benefícios do programa escoteiro, e permitir que o Chefe Escoteiro treine gradualmente dirigentes que aceitem a Promessa Escoteira, o que implicava, entre outras coisas, que aprendessem a dirigir abnegadamente. Isto faria vigorar plenamente—e, com toda a boa fé, eu digo que, na minha opinião, ainda não conseguimos realizá-lo plenamente — aquela grande frase do fim da Segunda Lei Escoteira que diz: «... e é leal para com os que lhe são subordinados».

Eu já mencionei a confiança uma vez, mas deixem-me dizer algo mais a seu respeito. Todo o conceito de escoteiro está baseado na honra, e a única maneira de desenvolver a honra num rapaz é confiar nele. É tão simples! Devemos confiar nele não apenas em assuntos morais o que, penso eu, a maioria dos chefes está capacitada de fazer, mas confiar nele também no que se refere a actividades escoteiras, coisa que tão poucos Chefes Escoteiros estão aptos a fazer! Eu tenho dito, frequentemente, que um Chefe Escoteiro nunca pode saber demais, mas pode fazer demais e inúmeras vezes faz demais. Se você se encarrega pessoalmente de um projecto de caminheiro ou de alguma actividade escoteira, você poderá obter melhores resultados técnicos, mas você não estará desenvolvendo o carácter dos seus escoteiros. Manter-se na reserva e intervir apenas quando um desastre parece iminente é o caminho certo. O facto de fazer tudo você mesmo, priva o jovem guia de qualquer esperança de dirigir. Mas não devemos levar isto longe demais, porque o rapaz está aprendendo a dirigir, e ele precisa de ideias, talvez mais do que qualquer outra coisa. É completamente errado supor-se que os rapazes estão efervescentes de ideias: eles não podem estar, pois não têm a experiência da qual nascem as ideias. É o privilégio do chefe arranjar as ideias, e é a alegria do guia pô-las em prática.

Esta série de artigos irá tratar pormenorizadamente de muitos assuntos, e eu estou tentando não fazer mais do que traçar as linhas gerais. Eu quero pedir a cada Chefe Escoteiro que medite um pouco sobre a sua técnica e uso de coisas tais como o Conselho de Guias; será o seu Conselho de Guias realmente uma reunião de guias ou será um ajuntamento de rapazes que vêm escutar as suas palavras? Na sua patrulha são realizadas reuniões de patrulha? Cada patrulha tem o seu canto? Você ajudou alguma patrulha a encontrar o seu canto?

Você conteve-se alguma vez, deixando de intervir, apesar de ter vontade de fazê-lo? Você deixa-os pintalgar o seu canto de patrulha com cores de mau gosto, ou será que tudo neles está tão bem planejadinho, com um tal ar de adulto, que a alegria deixou de existir para os rapazes? As suas patrulhas acampam como patrulhas, ou aglomeradas como rebanhos, sob o seu olhar vigilante? Eles cozinham por patrulhas? Você expõe razões acerca do desperdício de alimentos, ou é que você quer ter sòzinho o prazer de fazer compras e cozinhar?

Você insiste em queimar as papas você mesmo, ou deixa que cada patrulha tenha o prazer de fazê-las? Você está empenhado apenas em higiene e altos padrões acerca de assuntos secundários ou está empenhado em Escotismo para rapazes e no desenvolvimento do carácter individual? As patrulhas do seu grupo reúnem-se fora das reuniões do grupo? Os seus guias sabem os endereços dos escoteiros das suas patrulhas, mesmo daqueles que não são dotados de irmãs bonitas?

Eles possuem e usam um grito de patrulha? Têm um código secreto que nem mesmo você conhece?

Finalmente, você está treinando os

(Conclui na 7.ª página)

D. Cristóvão da Gama, jovem guerreiro português, valente e denodado

Era D. Cristóvão da Gama, filho de Vasco da Gama, um militar audaz e brioso. Desde muito cedo começou a demonstrar especial vocação para a carreira das armas. Aos 16 anos, incorporado na armada de Pero Vaz do Amaral, partiu para a Índia. Regressado ao Continente e armado cavaleiro, foi mandado segunda vez para a Índia, em 1538, desta vez com o vice-rei D. Garcia de Noronha.

Tinha menos de 26 anos quando seu irmão, D. Estêvão da Gama, então governador da Índia, o encarregou de uma missão arriscadíssima: comandar a força de 400 portugueses que, correspondendo às insistentes solicitações do Preste João, imperador da Abissínia, ia reduzir à obediência o rei de Zeilá, que se havia rebelado contra o Négus.

Partidos de Maçuá, pequena povoação debruçada sobre o Mar Vermelho, a coluna portuguesa marchou penosamente através de terras escaldantes de sequidão, batidas por um sol implacável, em demanda da Abissínia. Além do valoroso comandante, acompanhava a expedição João Bermudes, o aventureiro português que, tendo sido barbeiro, tinha-se guindado à alta posição de Patriarca de Alexandria.

O Négus, acossado pelos seus principais que, em ajuda dos Mouros, se tinham levantado contra ele, andava escondido de serra em serra, impotente para dirigir uma acção contra os seus perseguidores. A pouco e pouco aquele reino cristão ia ficando sob o domínio do Crescente e não tardaria que ele ficasse, por completo, perdido para a Cristandade.

Jornadeando pelas mais inóspitas paragens, escalando serras abruptas, chegou a coluna portuguesa, ao fim de alguns dias de esgotante marcha, a um planalto de doce clima, onde a natureza caprichava em todas as suas manifestações. No peito dos portugueses começaram a brotar saudades da Pátria distante. Mas, nada de afrouxamento; a caminhada prosseguia. D. Cristóvão fazia valer as suas qualidades de grande capitão. Parecia que tinha herdado de seu pai, o grande navegador, as qualidades de valentia e intrepidez. Ânimo inquebrantável, insuflava coragem em todos os seus subordinados, reservando para si as tarefas mais pesadas. Ao mesmo tempo, transmitia as suas decisões com uma tal firmeza e convicção como só as pessoas de espírito esclarecido e conscientes do lugar que ocupam conseguem denotar.

Tendo passado Debarva e informado de que o refúgio da mãe do Preste não estava longe, D. Cristóvão expediu emissários a convidá-la a pôr-se sobre custódia dos portugueses. A venerável senhora ràpidamente veio ao encontro das gentes portuguesas, trazendo consigo o séquito que sempre a acompanhava. À chegada da rainha, o capitão português organizou, com os seus homens, uma luzida parada cujo aparato deixou deslumbrada a recém-vinda.

Chegou o inverno e a caminhada teve de ser suspensa. Armaram o arraial numa região bem dotada de todas as provisões. O tempo foi gasto em ultimar preparativos para a campanha. Em primeiro lugar, foram aparelhados os carros das bagagens. Neste serviço, mais uma vez D. Cristóvão mostrou a complexidade das suas aptidões, desenhando ele próprio, na madeira, os carros e dirigindo a sua construção. Miguel Castanhoso, um dos soldados da expedição e seu historiador, refere que, nestas obras, D. Cristóvão era mestre e «as ordenava como se toda a sua vida se criara nelas». Em seguida nas cercanias lograram arranjar cavalgaduras com que formar um pequeno esquadrão e alguns bois bravos que, domesticados, serviram à maravilha para tirar as pesadas carroças das provisões.

Com Dezembro, foi levantado o acampamento e retomada a marcha. Foi uma jornada angustiante pois toda a sorte de dificuldades ofereciam as serras da Etiópia aos combatentes. Aqui e ali os bois não podiam puxar os carros e era a vez dos homens tomarem as bagagens às costas. Porém, em certa altura, os obstáculos davam a impressão de que eram insuperáveis. Os homens olhavam os rochedos talhados a pique, e não lhes descobriam vereda por onde coubessem os carros. Quando todos abanavam a cabeça de descrença, D. Cristóvão não titubeou: toca a desarmar os carros, peça por peça. E ele próprio desmontou a artilharia e carregou como podia e, ala, monte acima. Foram três dias de marcha mortificante, a que só homens de rija têmpera poderiam resistir. A ascensão fora dramática, espantosa mesmo, mas do feito só a rainha se assombrara.

Todavia, chegava a hora da primeira operação militar: o assalto à «amba» Sanayit, posição quase inacessível mas que o brio dos portugueses, escudado no trunfo valioso da artilharia de que estavam providos, resolveu com presteza. «Amba» Sanayit caiu em poder dos invasores. Tal intrepidez mostraram os portugueses que a pequena operação constituiu um bom augúrio para o resto da expedição.

(Continua no próximo número)

SISTEMA DE PATRULHAS

(Conclusão da 6.ª página)

seus guias? Através das reuniões de guias, você proporciona-lhes treinamento? Você experimenta e discute as novas ideias com eles, antes de impô-las no Grupo? Têm eles realmente voz activa, não apenas nos pormenores, mas nas linhas gerais do programa? Os guias procuram-no a fim de lhe falarem sobre os seus escoteiros? Você sabe ser bom ouvinte, ou sabe apenas ser bom orador? As suas patrulhas têm realmente uma individualidade, ou são apenas um modo conveniente de dividir o Grupo, empapelando alguns dos rapazes maiores com um pouco mais de distintivos do que o resto?

Eu acho que na realidade o caso é simples. Se você é um chefe escoteiro e está sinceramente empenhado em proporcionar escotismo aos rapazes, então não há alternativa senão a adopção integral do sistema de patrulhas. Se o que você dirige é um clube para rapazes, então, pelo amor de Deus, chame-o Clube para rapazes e dirija-o bem, mas saia do uniforme escoteiro, pois «Escotismo para rapazes» é «Sistema de Patrulhas» e «Sistema de Patrulhas» é «Escotismo para rapazes».

JOHN THURMAN
CHEFE DE «GILWELL PARK»
Da revista «Alerta!» — BRASIL

O Eng.º Jorge Pereira Jardim visitou o Grupo n.º 5

A convite dos respectivos dirigentes, o Sr. Eng.º Jardim, presidente cessante dos Escoteiros de Portugal, visitou a sede do Grupo n.º 5, no Caminho de Ferro, na companhia dos Srs. Eng. Nobre Santos, escoteiro chefe geral; João Clímaco do Nascimento e chefe-ajudante do Grupo 13, José Maria Albuquerque Lourenço. Os visitantes percorreram as instalações daquele grupo artisticamente ornamentadas e mobiladas pelos seus escoteiros, tendo o Sr. Eng.º Jardim palavras de elogio e felicitação pelo esforço e dedicação dos componentes do "5"

O Chefe do Grupo, Sr. Mário Fernandes, agradeceu a visita e formulou votos de feliz viagem ao ex-presidente da Associação, que parte brevemente para uma das nossas províncias ultramarinas, tendo-lhe os escoteiros oferecido fotografias da inauguração da sede e da actividade do grupo. — C.

O Escotismo é uma escola de exemplo. Só poderemos educar se pudermos falar com os nossos actos, ensinar pelo testemunho.

E. Hébert

«Sou escoteiro de alma e coração», afirmou o Sr. Comandante Tenreiro, em mensagem dirigida a todos os escoteiros

O Boletim Oficial n.º 2/53 de 7 do corrente publicou a seguinte mensagem do Presidente dos Escoteiros de Portugal:

Ao assumir a Presidência da Associação dos Escoteiros de Portugal, saúdo todos os Escoteiros do meu País.

Sou escoteiro de alma e coração e assim procurarei fazer o melhor e mais que me for possível, no sentido de contribuir para o engrandecimento da Pátria.

Espero que os antigos e os actuais escoteiros da nossa Associação nos ajudem, pois há ainda muito a fazer.

Com a boa e leal colaboração de todos e o auxílio que espero encontrar de quem de direito, tenho esperança de que muito se conseguirá realizar.

Em frente, pois, pelo Escotismo, animados pelo espírito de cooperação, disciplina, lealdade e boa camaradagem!

«Sempre Pronto»
O Presidente,
a) *Henrique dos Santos Tenreiro*

ISABEL KENNY

(Conclusão da 5.ª página)

eficácia do método Kenny era comprovada pela sua autora, perante as maiores celebridades científicas norte-americanas. Daí em diante toda a vida desta admirável mulher foi passada no combate à poliomielite, sòmente interrompido aquando da primeira Grande Guerra, onde prestou serviço.

Ganhou enorme prestígio em todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos, pelo que lhe concederam o privilégio de poder entrar ou sair do país sem necessidade dos documentos usuais, coisa que não havia sido permitida a ninguém.

Na sua terra, a Austrália, fundaram-se muitas clínicas subsidiadas pelo Governo, onde o seu método é aplicado. Calculava a Irmã Kenny em 7.000 o número de crianças a quem ela própria tinha curado.

Num relatório a seu respeito, um médico de um Hospital de Menneapolis, E. U. A., afirmava que «a missão da Irmã Kenny tinha sido uma missão de altruísmo; sem ambições de dinheiro ou de glória, tendo ùnicamente em vista a cura da criança».

Agora que a Irmã Kenny deixou este mundo, queremos prestar-lhe o nosso humilde preito pela sua abnegação e pelo amor com que se entregou à tarefa de cuidar do seu semelhante. Num mundo cheio de egoísmo, a nobre atitude desta enfermeira merece ser olhada como símbolo de amor e de devoção pelo próximo e como exemplo vivo de dedicação a oferecer a esta Humanidade entregue às mais mesquinhas ambições.

(1) Na Inglaterra e nos Estados Unidos, as enfermeiras chefes são chamadas *Irmãs*.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

Nos dias 22, 23 e 24 de Janeiro passado, realizou-se na cidade de S. Paulo, a Primeira Conferência Nacional de Escotismo, promovida pela União dos Escoteiros do Brasil.

Em cada dia foram estudados os seguintes assuntos: *Como difundir o Escotismo no Brasil, Unidade e Disciplina, A Organização do Escotismo no Brasil,* temas estes que foram tratados pelos mais notáveis membros do Escotismo na nação irmã.

Tomou posse a nova Direcção dos Escoteiros de Portugal

No passado dia 7 do corrente, tomou posse a nova direcção dos Escoteiros de Portugal, que lhe foi conferida pelo Sr. Comandante Henrique Tenreiro, na presença no sr. dr. Francisco Cortez Pinto, presidente do Tribunal de Honra da Associação.

Os elementos escolhidos pelo Sr. Presidente para constituirem a Direcção são os seguintes: Escoteiro-Chefe Geral, sr. Comandante Daniel Duarte Silva; Secretário Geral, sr. Tenente Domingos Diogo Afonso; Tesoureiro Geral, Sr. Júlio Rocha Borges; vogais, srs. Manuel Dias de Almeida e Alberto Garcia de Almeida, e Secretário das Relações Internacionais, Eng. Manuel Lopes Peixoto.

O Sr. Comandante Duarte Silva é um oficial prestigioso da nossa Armada, comandante do aviso "Afonso de Albuquerque„, e da sua competência e experiência de comando, muito podem os Escoteiros de Portugal esperar. O sr. Tenente Diogo Afonso é também oficial de prestígio da Administração Naval. O sr. Rocha Borges é colaborador do Sr. Comandante Tenreiro nos organismos de pesca. O sr. Manuel Dias de Almeida foi chefe do Grupo 79 há cerca de 17 anos, onde realizou um trabalho interessante mantendo o Grupo em pleno funcionamento e organização. O Sr. Garcia de Almeida é sobrinho daquele, através de quem conhece o Movimento. O sr. Eng. Peixoto, antigo escoteiro do Grupo n.º 1 foi bem escolhido para secretário das relações internacionais, já que tem boas relações no estrangeiro, especialmente em Inglaterra, onde tem feito diversas viagens como técnico de comunicações telefónicas.

Foi também empossada, na mesma altura, uma Comissão Técnica de Escotismo constituída pelos srs. Franklim António de Oliveira, Joaquim Amâncio Salgueiro Jr., João Clímaco do Nascimento, Eng. José Maria Nobre Santos, João Madeira Leitão, Henrique Alves de Azevedo e João Magalhães Ferraz, elementos que, por suficientemente conhecidos nos meios escotistas, nos dispensamos de apresentar.

Ciência e Paciência

PROBLEMA N.º 20

Com os grupos de letras abaixo publicados forme 28 palavras com quatro letras cujos significados sejam os seguintes:

Padre Santo	Centro
Cavaca	Pardacento
Colarinho	Proceder
Dificilmente	Tunda
Coirela	Como
Que coisa	Relativo a uva
Gordura	Azedo
Desterrado	Divindade
Permitido	Imposto
Espécie de enguia	Objectar
Poeta	Exacto
Doente	Essa coisa
Epitome	Caudilho
Talvegue	Branco

AC—AD—AG—AG—AL—AL—AL—AL—BO—CA—ÇO—DA—DO—EI—EI—EG—EL—EX—FI—GA—GO—HA—IR—IS—LA—LE—MA—ME—NU—OL—OP—OR—PA—PA—QU—QU—RO—RO—RÓ—RU—SO—SO—SU—TA—TE—TO—UL—UN—UR—UV—VA—VA—VA—VO—XA—XO

Com as primeiras letras de cada palavra encontrada forme um provérbio português.

PROBLEMA N.º 19

Um precalço, a perda do original impossibilitando a revisão, como muitos outros sucedidos em várias profissões, ocasionou na tipografia dois erros no nosso último problema.

Na 2.ª coluna onde se lê «Aloura» devia ser «Alvura», e na terceira coluna, segunda linha, devia estar «Cuidado» entre «Ensejo» e «Relação».

Como esta falta de «Cuidado» do... compositor devia ter provocado um pouco de embaraço aos solucionadores, aqui lhes apresentamos nossas desculpas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18

Acre	Hino	Inço
Toga	Essa	Dixe
Unha	Gafa	Alar
Dado	Afim	Dama
Obra	Sumo	Unir
Siso	Erro	Rafa
Enga	Asir	Apre
Coto	Vaga	

PROVÉRBIO

«A tudo se chega se a vida dura».